

O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil

*Valéria N. de Oliveira Monaretto**

ABSTRACT: This paper is a study of the postvocalic trill deletion in southern Brazilian dialect under the quantitative sociolinguistic labovian methods using VARSUL's corpus. The results show that deletion is happening in the word final, in the infinitives and that the city has important role.

RESUMO: Neste artigo analisa-se o apagamento da vibrante posvocálica na fala do Sul do Brasil, sob perspectiva da sociolinguística quantitativa laboviana, através do banco de dados VARSUL. Os resultados mostram que esse processo é encontrado basicamente em final de palavra, em verbos no infinitivo e que a localidade também desempenha papel para seu emprego.

KEY WORDS: postvocalic trill, trill deletion, phonology variation, Variation, Change.

PALAVRAS-CHAVE: Vibrante Posvocálica, apagamento da vibrante, variação fonológica; Variação, Mudança.

Introdução

Há evidências de alterações da vibrante posvocálica desde o período latino com a metátese do *r* final em formas como *quattuor* > *quatro*, por exemplo, mas é em fases posteriores ao português arcaico que o processo de apagamento parece ter

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a colaboração das bolsistas Luciana P. Telles (PROPESQ) e Priscila Melo de Gomes (FAPERGS).

se estabelecido, expandindo-se por todas as classes de palavras e pela fala de diferentes estratos sociais. No português brasileiro esse fenômeno tem sido observado muito cedo, sobretudo em peças teatrais e em gramáticas, que o apontam como uma variante estigmatizada.

Na perspectiva quantitativa, os estudos de queda do /r/ posvocálico no português brasileiro contam com trabalhos em todo o Brasil. Dentre eles, destacamos, entre outros, o de Votre (1978) sobre a vibrante em posição final de palavra na fala de alfabetizando e universitários do Rio de Janeiro; o de Oliveira (1983) sobre a fala de habitantes de Minas Gerais; o de Callou (1987) que inicia o estudo acerca do /r/ na fala urbana culta do Rio de Janeiro, utilizando dados do projeto NURC e, em estudos posteriores, juntamente com Moraes e Leite, 1995, estuda, em outras capitais do Brasil, a realização das consoantes posvocálicas. Na região Sul do Brasil, em particular, há observações sobre o zero fonético em posição final, nos estudos de Marquardt (1977) sobre a fala do Rio Grande do Sul. Os resultados dessas pesquisas são unânimes em mostrar que o desaparecimento do r é um caso de uma mudança em progresso, em estágio avançado em alguns dialetos.

Nesse artigo examinar-se-á, sob a perspectiva da sociolinguística de Labov (1966) e de Sankoff (1988), o fenômeno de apagamento da vibrante posvocálica na fala do Sul do Brasil, utilizando entrevistas do banco de dados do projeto VARSUL. O objetivo dessa pesquisa é verificar que fatores linguísticos e sociais estão envolvidos no apagamento do /r/ em final de sílaba.

1. Amostra

Em relação à amostra utilizada, o *corpus* dessa pesquisa constitui-se de 36 entrevistas, distribuídas por localidade, sexo, escolaridade e idade.

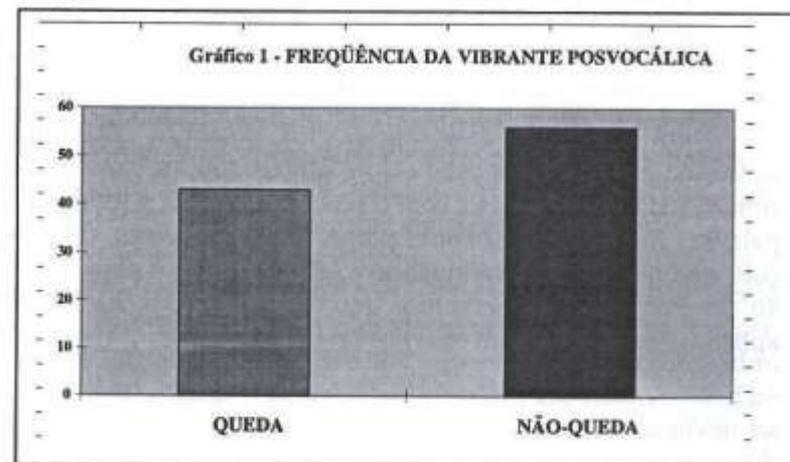
As variáveis sociais eleitas para análise são: localidade (12 informantes para cada uma das três capitais do Sul do País), sexo (18 mulheres e 18 homens), escolaridade (18 informantes com primeiro grau e 18 com o segundo grau) e faixa etária (12

informantes da 1ª faixa, 12 informantes da 2ª faixa, 12 informantes da 3ª faixa). Quanto à variável idade, o *corpus* foi organizado em três faixas etárias com a seguinte distribuição: primeira faixa: dos 25-39 anos; segunda faixa: dos 40-54 anos; e terceira faixa: a partir de 55 anos.

As variáveis linguísticas examinadas são: posição da vibrante na palavra (medial ou final), contexto precedente (vogal anterior, vogal posterior), contexto seguinte (oclusivas, fricativas, nasais, laterais, vibrantes, africadas, vogais ou pausa), classe morfológica (verbos: conjugados ou no infinitivo; não-verbos: substantivos e adjetivos e outras palavras: advérbios, conjunções, preposições e pronomes), função do /r/ (morfêmico e não-morfêmico), dimensão da palavra (se monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo), acento lexical (se a vibrante está em sílaba acentuada ou não) e ritmo (fala normal ou fala acelerada).

2. Análise dos dados

Como resultado geral, obtivemos, conforme o Gráfico 1, o seguinte resultado:



Nota-se pelo Gráfico 1 que o apagamento do /r/ é expressivo, ultrapassando 40% de frequência, embora não seja a variante mais usada na fala dos indivíduos das capitais do Sul, pois os casos de não-queda, incluindo-se aí o uso de outras variantes do /r/ como, por exemplo, vibrante alveolar, fricativa velar, etc., superam os de queda.

De acordo com a análise estatística dos dados, realizada através do pacote de programas VARBRUL, foram selecionadas, por ordem decrescente, as seguintes variáveis condicionadoras para o apagamento da vibrante pósvoicálica em todo o conjunto de dados:

Classe Morfológica
 Função
 Localidade
 Posição na Palavra
 Dimensão da Palavra
 Idade
 Contexto Precedente
 Escolaridade
 Ritmo

Em relação à classe morfológica, podemos notar que, conforme a Tabela 1, a perda do *r* é mais comum em verbos com 81% das ocorrências e com o peso relativo .88, seguido por palavras funcionais, tais como preposições, pronomes, conjunções e advérbios, correspondendo a 20% de queda e peso relativo .29. Por último, observamos que em não-verbos, há 5% de aplicação de apagamento com peso relativo .09.

TABELA 1- Apagamento da Vibrante Pósvoicálica Segundo a Classe Morfológica

	Aplic. /Total	Peso Relativo
verbos (fazer, marcar)	2223/ 2766 81%	.88
não-verbos (açúcar, pior)	108/1998 5%	.09
palavras funcionais (qualquer, porque)	166/838 20%	.29
total de dados: 5602 input .35		nº de células:1393

Esses resultados já eram esperados, uma vez que, em verbos, o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português tanto pela presença do *r*-final como pela tonicidade da sílaba que contém o segmento. Em não-verbos, por outro lado, o *r*-final não é morfema e nem sempre vem acentuado, razão pela qual o seu apagamento é restrito. Já a queda do *r* posvoicálico em palavras funcionais ocorre geralmente em alguns tipos de vocábulos como as palavras *porque* e *qualquer*, nas quais se verifica a supressão categórica do *r* somente em alguns informantes.

Outra variável selecionada na análise estatística foi a função do /r/. Pode-se observar na Tabela 2 que o apagamento do /r/ ocorre geralmente quando constituir morfema (escolar, quiser), ou quando fizer parte de um morfema (computador, construtor) com 87% de frequência e com peso relativo .90. Embora em menor número, é interessante notar que também há casos de queda de *r* quando este não é morfema (azar, pior), correspondendo a 10% das ocorrências e com peso relativo .13.

TABELA 2 - Apagamento da Vibrante Posvocálica Segundo a Função do /r/

	Aplic. /Total		Peso Relativo
morfêmico (escolar, computador)	2207/2548	87%	.90
não-morfêmico (azar, pior)	299/3054	10%	.13
total de dados: 5602	input. .35		nº de células:1393

Tendo em vista a grande diferença entre apagamento da vibrante em verbos e em não-verbos, pensamos em analisar essa duas categorias separadamente para verificar se poderia haver condicionamentos diferentes. Feita essa análise, cujo resultado não mostraremos por meio de Tabelas, observamos o seguinte:

1) em verbos:

- há maior queda de r em infinitivos do que em não-infinitivos;
- o apagamento ocorre quase que categoricamente em final de palavra ;
- a queda do r é mais freqüente nos jovens, decaindo ao passar pelas duas outras faixas de informantes mais velhos, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso;
- há mais apagamento do r em Florianópolis do que nas outras cidades, evidenciando o estágio final do processo de enfraquecimento que a vibrante vem sofrendo nessa região, o que se justifica por os informantes dessa localidade preferirem a articulação posterior da vibrante.

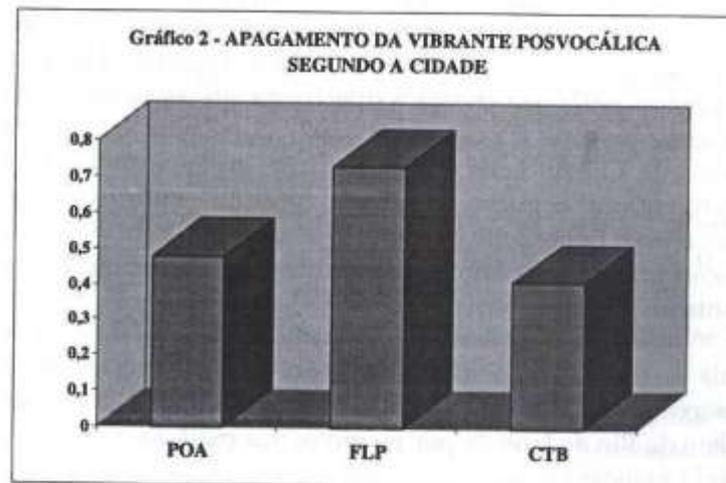
2) em não-verbos:

- a dimensão do vocábulo faz-se importante, pois a queda é baixa em monossílabos;
- prefere-se apagar o /r/ em posição não acentuada, isto é, é mais comum dizer "açúca, revóvi" do que "calô, doutô".

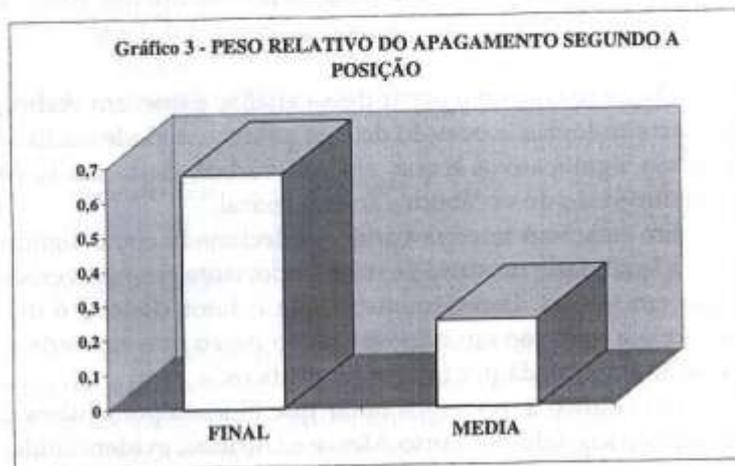
O que se conclui a partir dessa análise é que, em verbos, a classe morfológica, a posição do r na palavra, a idade e a localidade são significativos e que, em não-verbos, destacam-se os fatores dimensão do vocábulo e acento lexical.

Em relação à terceira variável selecionada como significativa, a localidade mostrou-se mais importante em não-verbos do que em verbos. Isso demonstra que o fator dialetal é que condiciona a variação em não-verbos, ao passo que em verbos, a variação é motivada por fatores lingüísticos.

No Gráfico 2, podemos notar que Florianópolis lidera o apagamento seguido por Porto Alegre e Curitiba, evidenciando, conforme supracitado, que Florianópolis se encontra em um estágio mais avançado no processo de enfraquecimento da vibrante.



Quanto à posição da vibrante no vocábulo, conforme nos mostra o Gráfico 3, o maior índice de apagamento de /r/ ocorre em posição final de palavra, que se apresenta com uma diferença significativa em relação a posição medial.



Parece que se pode relacionar o apagamento às variantes da vibrante. Distingue-se o dialeto do Sul por duas variantes, o tepe e a vibrante alveolar, enquanto o dialeto do Rio de Janeiro privilegia as variantes posteriores. No dialeto do Sul do Brasil, Monaretto (1997) não encontra diferença entre as variantes da vibrante conforme a posição da coda na palavra: interna ou externa. Já Callou, Leite e Moraes (1998, p. 63), estudando o dialeto carioca, o grupo de fatores "posição" foi selecionado como o mais importante de todos (por exemplo, a fric. velar na posição interna teve aproximadamente 50% de aplicação, enquanto na posição externa, cerca de 7%).

Como há mais casos de não apagamento na fala das Capitais da região Sul (cf. Gráfico 1), nota-se nessa região que se preserva mais a estrutura silábica em final de palavra do que no dialeto do Rio de Janeiro, por exemplo, que mostra estar em um estágio mais avançado nesse processo. Com isso, pode-se concluir que o Sul do Brasil é uma região conservadora.

Outros fatores foram selecionados pelo programa, mas os resultados não foram tão significativos quanto os mencionados. Contudo, vale notar que:

- a vogal anterior como contexto precedente favorece o apagamento;
- os falantes mais jovens implicam taxas mais altas de apagamento;
- os falantes de baixa instrução, primeiro grau (incompleto muitas vezes), apresentam mais ocorrências de apagamento do que falantes que concluíram o segundo grau.

Concluindo, o apagamento do /r/ posvocálico na fala do Sul do Brasil é um processo que atua sobretudo em final de palavra.

Referências Bibliográficas:

- CALLOU, Dinah. (1987) *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 194p.
- CALLOU, D; LEITE, Y; MORAES, J. (1995) *A realização das consoantes posvocálicas no português do Brasil*. Trabalho apresentado na reunião anual do projeto Gramática do português falado. Campos do Jordão, São Paulo.
- . (1998) Apagamento do R final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. esp, (61-72).
- LABOV, Willian. (1966) *The social stratification of English in the New York city*. Washington, Center of Applied Linguistics.
- MARQUARDT, Lia. (1977) *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Letras, UFRGS, 1977.

- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. (1997) *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. (1983) *Phonological variation and change in Brazilian portuguese: The case of the liquids*. Pensilvânia: University of Pennsylvania.
- SANKOFF, David. (1988) Variable Rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTEIR, Klauss J. (eds.). *Sociolinguistics; an international handbook of science of language and society*. New York: Walter Gruyter, p. 984-998.
- VOTRE, Sebastião. (1978) *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUCRJ. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.